

# A CONSTRUÇÃO DE UMA VARIÁVEL ESTILÍSTICA COMPLEXA PARA MEDIR A CONFIGURAÇÃO DA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

---

**Carla Regina Martins Valle\***  
**Edair Maria Görski\*\***

**Resumo:** Foram investigados os processos de mudança e o uso variável de marcadores discursivos (MDs) derivados de verbos cognitivos em uma interface sociofuncionalista, conjugando a abordagem funcionalista de vertente norte-americana com a Teoria da Variação e Mudança. Visando contribuir para os estudos mais recentes sobre variação estilística, foi proposta e testada uma variável complexa para medir a configuração da entrevista sociolinguística. Foram examinados dados de falantes de Florianópolis (SC) e os resultados indicaram que os MDs investigados são mais frequentes em entrevistas que se assemelham à conversa.

**Palavras-chave:** Variação estilística. Marcadores discursivos. Variáveis complexas.

## INTRODUÇÃO

■ As pesquisas na área da sociolinguística têm colocado mais foco no valor social e estilístico das formas linguísticas. O modo como os falantes se identificam e avaliam certas formas tem papel fundamental no uso da língua e tem aberto novas portas para estudos relacionados à identidade e ao estilo. Os estudos têm se voltado cada vez mais para a variação estilística e se dividem em três abordagens principais: 1. a abordagem *attention to speech* – de natureza psicológica e centrada nos estudos labovianos sobre o “grau de automonitoramento da fala” (LABOV, 2001,

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – SC – Brasil. E-mail: carlavallo10@gmail.com

\*\* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – SC – Brasil. E-mail: edagorski@hotmail.com

2008 [1972]); 2. a abordagem *audience design* – de natureza interacional e com raízes nas investigações de Bell (1984) sobre o papel da audiência e com base na “teoria da acomodação” (cf. GILES, 1973); 3. a abordagem *speaker design* – ligada aos estudos mais recentes das ciências sociais que propõem uma análise multidimensional, envolvendo aspectos sobre a identidade dos falantes (cf. ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002; COUPLAND, 2007).

A abordagem de Labov propõe o recorte de estilos contextuais dentro de entrevistas sociolinguísticas, ou seja, momentos em que haveria uma fala mais monitorada e momentos em que haveria o uso de um estilo de fala mais casual. Seu grande mérito está em propor um artifício metodológico capaz de mensurar a dimensão estilística, mas a abordagem tem sido alvo de críticas por conta de seu caráter unidimensional, centrado no grau de automonitoramento da fala, e também pelos critérios utilizados para diferenciar os vários estilos contextuais dentro de entrevistas.

Contudo, uma questão essencial se coloca: a configuração básica das entrevistas sociolinguísticas é sempre a mesma, ou seja, há um modelo mais ou menos fixo de entrevista que se mantém? Se esse não é o caso, como então medir diferenças estilísticas em entrevistas sociolinguísticas?

Parte-se do pressuposto de que as entrevistas sociolinguísticas apresentam estruturas diferentes a depender do estado emocional do falante, da relação de proximidade entre entrevistador-entrevistado e da situação de entrevista, dentre outros aspectos. Algumas delas enquadram-se no formato mais fixo proposto por Labov, mas, em outras, há o rompimento do padrão pergunta-resposta e o entrevistador tem seu papel de comando diminuído, o que instaura uma situação de diálogo semiespontâneo.

O foco de interesse, neste artigo, está: 1. na identificação de grupos de fatores, posteriormente reunidos em uma variável complexa, que possibilitem a classificação de entrevistas sociolinguísticas em uma escala que vai da *entrevista nos moldes tradicionais* até uma *entrevista mais próxima de conversa*; 2. nos efeitos que as variáveis relacionadas à configuração da entrevista têm sobre o uso variável de alguns marcadores discursivos (doravante MDs)<sup>1</sup>.

Investigou-se o uso de MDs derivados de verbos cognitivos (*sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*)<sup>2</sup>, denominados mais especificamente de *requisitos de apoio discursivo* (RADs). Vejamos abaixo dois trechos com ocorrências desses itens:

1. Tirava um pedaço, amassava bem, bem, bem, bem em cima da mesa, depois esti- às vez esticava, às vez não, às vez fazia redondinha, broa redondinha, *sabe?* e às vezes então não, cortava, fazia assim comprido e depois cortava, já ia cortando a broa do tamanho certo, *sabes?* (BARRA-39FB4).
2. E quando acabar essa temporada aí tem muito que fica desempregado. E daí?... Aí o que que acontece?... O que acontece é:: mesmo muitos roubar:: porque não tem como trabalhar::... *entendesse?* e não faz e vive

1 Os resultados discutidos neste artigo foram obtidos em pesquisa de doutorado de Valle (2014).

2 Utilizamos o recurso do itálico para destacar as ocorrências específicas dos MDs e o recurso do negrito para designar as formas consideradas em conjunto: **entendeu?** (*tá entendendo?*, *tás entendendo?*, *entende?*, *entendeu?* e *entendesse?*) e **sabe?** (*sabe?* e *sabes?*), tomando a forma mais recorrente de cada conjunto como a variante típica.

(hes) assim ó, aí dá morte, dá tudo, porque ultimamente na Florianópolis, o nosso Estado aí mesmo o que tá tendo de violência não tá fácil (BARRA-27MA8).

Assume-se a perspectiva de Schiffrin (2001), que considera os MDs itens multifuncionais que atuam simultaneamente nos planos cognitivo, textual, social e expressivo. Os itens analisados atuam, predominantemente, nos planos textual e interacional, e seu papel principal seria o de colocar foco, frisando determinadas porções discursivas e cumprindo funções relacionadas com o interlocutor e com a organização do discurso oral (VALLE, 2014).

Foram analisadas 1.610 ocorrências, coletadas em amostra de fala composta por 30 entrevistas com informantes da comunidade da Barra da Lagoa, Florianópolis (SC) – amostra Brescancini-Valle 2001-2010, a qual integra o Banco de Dados VARSUL<sup>3</sup>.

Conjugando a abordagem funcionalista de vertente norte-americana – representada principalmente por pesquisadores da Costa Oeste Americana (Givón, Hopper, Bybee, Traugott, entre outros) e por seus interlocutores da Alemanha (Heine, Claudi, Hünemeyer e Kuteva, entre outros) – com a Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, Eckert, entre outros), propõe-se uma análise sincrônica de interface sociofuncionalista e considera-se a existência de forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição atuando no uso dos itens analisados.

A expectativa geral era de que quanto mais a entrevista se aproximasse de conversa, com maior envolvimento do falante e menor grau de monitoramento, maior seria o uso dos MDs. Além disso, também era esperado que os MDs derivados de *entender* fossem privilegiados quanto mais próxima a entrevista fosse de conversa, já que, nesse caso, sua atuação mais voltada ao *plano interacional* estaria em evidência por conta da preservação de traços do verbo de origem.

O presente artigo foi organizado da seguinte maneira: na segunda seção, são abordadas algumas discussões recentes sobre o tratamento da variação estilística nos estudos sociolinguísticos; na terceira seção, colocam-se em evidência as diferenças na configuração das entrevistas sociolinguísticas, dando destaque à amostra Brescancini-Valle; na quarta seção, são descritos os grupos de fatores que compõem a variável complexa *configuração da entrevista* e apresentados os resultados obtidos para o uso variável de MDs de base interacional.

## OS ESTUDOS VOLTADOS À VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

A primeira tentativa de Labov – em 1966, e retomada em Labov (2008 [1972]) – de observar as trocas estilísticas na entrevista consistiu em caracterizar “estilos contextuais”, distribuindo-os em um eixo de atenção prestada à fala na direção menos formal > mais formal. Paralelamente a essa caracterização, o pesquisador utiliza pistas do canal, como mudança de volume, curva entonacional, velocidade de fala, suspiros e risadas para estabelecer uma distinção mais assertiva entre contextos.

3 O banco de dados Varsul armazena e disponibiliza amostras representativas para o trabalho de descrição da língua falada na Região Sul do país, objetivo central do Núcleo de Pesquisa Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil).

Outra tentativa para observar as trocas estilísticas no contexto da entrevista é iniciada em 1970, nos primeiros anos do curso “*Linguistics 560, The Study of the Speech Community*”, dando origem à proposta de oito critérios contextuais aplicados através do modelo da *árvore de decisão* (LABOV, 2001) em uma escala que vai da fala mais casual (narrativa, grupo, infância e tangente) em direção à fala mais monitorada (resposta, linguagem, *soapbox*/opiniões generalizadas e residual).

Apesar das críticas sobre o caráter unidimensional de sua abordagem e sobre a mistura de critérios para dividir a entrevista em oito blocos contextuais (LEFEBVRE, 2001 [1983]; SCHILLING-ESTES, 2002, 2007; ECKERT, 2001; GÖRSKI; VALLE, 2014), Labov assinala que a organização de estilos contextuais ao longo do eixo de atenção à fala não foi pensada como uma descrição geral de como a variação estilística é produzida e organizada no discurso de cada dia, mas sim como uma forma de organizar e utilizar a *variação intrafalante*<sup>4</sup> que ocorre na entrevista sociolinguística. Ressalta-se que o termo *variação estilística* pode remeter tanto à alternância de estilos do falante durante a entrevista, em um sentido mais amplo, quanto ao efeito das mudanças de estilo sobre um fenômeno linguístico variável, em um sentido mais estrito.

Bell (1984), além de criticar o caráter mecanicista da proposta laboviana, sugere que explicações para a troca de estilo deveriam ser buscadas nos fatores situacionais que provocam os diferentes graus de atenção à fala. O autor propõe uma abordagem voltada para a audiência (*Audience Design*) que prevê que os falantes mudam seu estilo de fala em resposta aos seus diferentes interlocutores.

Para Schilling-Estes (2002), a *Speaker Design* supriu algumas limitações da *Attention to Speech* e da *Audience Design*, principalmente no que se refere, respectivamente, à unidimensionalidade e à visão do falante como respondente. Essa abordagem tem seu foco em dois pontos centrais: 1. os falantes não alteram o estilo meramente, ou primariamente, em reação a elementos da situação de fala (seja formalidade ou audiência); ao invés disso, são bastante ativos e altamente criativos no uso de recursos estilísticos; 2. os falantes não apenas estão limitados aos elementos da situação externa para modelar sua fala, mas também usam sua fala para ajudar a formar e remodelar a situação externa (seja o contexto interacional imediato ou forças sociais mais amplas), assim como seus relacionamentos interpessoais e suas identidades pessoais (SCHILLING-ESTES, 2002). Além disso, a análise das intenções linguísticas do falante e suas interpretações pelo interlocutor, além de aspectos ideológicos, são importantes nessa abordagem. Os trabalhos da terceira onda dos estudos sociolinguísticos, tais como os resenhados por Eckert (2012), por exemplo, se enquadram nessa abordagem<sup>5</sup>.

Görski e Valle (2014) partem da abordagem laboviana e levam em conta as contribuições das abordagens mais recentes, buscando redimensionar o papel do contexto. As autoras fazem coro a Coupland (2007), Schilling-Estes (2007) e Eckert (2001), considerando que o estudo das trocas estilísticas deve ser multidimensional e que não deve ganhar relevo apenas a análise quantitativa ordena-

4 O termo *variação intrafalante* é usado para designar a variação na fala de um único indivíduo (dimensão estilística), em contraposição à *variação interfalante*, que se refere à variação na fala entre indivíduos ou entre grupos de indivíduos (dimensão social) (GÖRSKI; VALLE, 2014).

5 O estudo de Zhang (2005, 2008), por exemplo, indica que *yuppies* em Beijing adotam um mandarim “transnacional”, constituindo um estilo que contrasta com o de funcionários de empresas estatais (ECKERT, 2012).

da e sistemática, mas também a análise qualitativa e aprofundada. Elas sugerem uma mescla de diferentes parâmetros e consideram que:

*[...] é só na situação comunicativa, diante do outro (conforme Bell e Bakhtin) e dependendo dos papéis sociais assumidos pelos interlocutores e do tipo de significado social que deseja expressar (conforme Eckert e Schilling-Estes), que o falante organiza o seu dizer, monitorando mais, ou menos, a sua fala. O padrão e/ou o vernáculo vão surgir no decorrer da entrevista não necessariamente como polos de um continuum de atenção, mas, conforme pontuado por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2007), como realizações possíveis no nível da consciência do falante, a depender de suas intenções (GÖRSKI; VALLE, 2014, p. 92).*

As autoras propõem que os contextos de maior ou menor formalidade não sejam dados previamente e em termos absolutos, mas sejam definidos a partir do mapeamento detalhado de cada entrevista, através de um conjunto de variáveis estilísticas. Uma vez selecionadas as variáveis estilísticas que podem estar atuando sobre o objeto em estudo, as variáveis isoladas, se somadas, podem vir a compor uma variável complexa, contemplando uma análise quantitativa multidimensional. A sugestão é que as variáveis estilísticas levantadas de forma independente compusessem uma espécie de matriz de traços “cujos fatores recebessem pontuações resultantes de um somatório de valores numéricos individuais e fossem organizados escalarmente” (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 117).

A fim de testar tal sugestão, Valle (2014) propôs o controle de uma variável complexa que denominou de *configuração da entrevista*. Salienta-se que o mecanismo projetado e tratado neste artigo é aplicado à entrevista como um todo e se propõe a identificar diferenças entre entrevistas feitas nos moldes tradicionais e aquelas mais próximas da conversa, não servindo para isolar estilos contextuais e observar diferenças estilísticas internas a uma mesma entrevista. Nesse caso, não é possível observar a variação estilística na fala de um mesmo indivíduo durante o processo de entrevista, mas é possível mostrar que as alterações no formato do gênero podem ter efeitos no uso das formas linguísticas analisadas.

### **ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA: RIGIDEZ OU FLEXIBILIDADE?**

As primeiras formulações da entrevista sociolinguística foram aplicadas por Labov (2006 [1966]) a falantes de Lower East Side, em Nova Iorque, para a obtenção dos dados que resultaram em sua tese, apresentada à Universidade de Columbia, em 1964 (publicada em 1966): *The social stratification of English in New York City*. Já nessa época, a entrevista era construída em torno do problema de isolar estilos contextuais e suscitar a fala coloquial. Era hierarquicamente estruturada em módulos (blocos de perguntas agrupadas em tópicos bem definidos – dados demográficos, jogos, religião, brigas, trabalho, família, medos, sonhos, perigo de morte, língua, entre outros) aplicáveis a todos os indivíduos cuja fala se desejava investigar (LABOV, 1984). As considerações de Labov àquela época apontavam para a rigidez do método e indicavam a necessidade de grande rigor e controle na aplicação desse tipo de instrumento de pesquisa.

Preocupado com a problemática de se captar a fala vernacular na presença de um entrevistador – o que ficou conhecido como o “paradoxo do observador” –, Labov (1984) sugere que o segredo para se obter uma boa entrevista está no equilíbrio entre o controle da aplicação dos módulos pelo entrevistador, para garantir a comparabilidade do método, e a liberdade concedida ao entrevistado, para garantir a emergência do vernáculo.

Em trabalhos mais recentes, Labov (2001) parece assumir uma posição mais flexível acerca do formato da entrevista, dando maior importância ao caráter interacional da situação do que à aplicação dos módulos. O pesquisador admite que o entrevistador, ao guiar a entrevista para tópicos de maior interesse e envolvimento emocional, acaba assumindo papel mais discreto de ouvinte atento e cedendo o controle ao falante, resultando disso uma hora ou mais de gravação de fala espontânea.

Nota-se que, a depender de uma série de fatores, as entrevistas sociolinguísticas podem assumir configurações muito diferentes entre si e que “tratar todas as entrevistas como eventos discursivos equivalentes é ignorar a complexidade da situação”<sup>6</sup> (MACAULAY, 2002a, p. 6). Vários fatores somados podem interferir no andamento da entrevista: a desenvoltura e loquacidade do informante, o preparo do entrevistador, o grau de empatia estabelecida entre os interlocutores, o interesse pelo assunto, o nível de conhecimento sobre determinado tema e assim por diante (VALLE; GÖRSKI, 2014). Uma mesma entrevista pode ir mudando sua configuração ao longo da interação, alternando sequências mais governadas pelo entrevistador com outras mais governadas pelo informante, sendo que entrevistas inteiras podem ser totalmente governadas/conduzidas pelo entrevistado sobre os temas de seu interesse. Os resultados dessas diferenças são, muitas vezes, bancos de dados formados a partir de um conjunto bastante heterogêneo de entrevistas, o que leva a questionar:

*a) o pressuposto de que a entrevista sociolinguística é um gênero de estilo predominantemente monitorado, já que alguns informantes mostram-se bastante envolvidos e à vontade desde o início da gravação e alguns deles até mesmo conduzem a “conversa”; b) a aplicação da metodologia laboviana para medir a atenção à fala em entrevistas conduzidas basicamente pelo entrevistado, nas quais não é garantida a variedade de módulos conversacionais prevista por Labov; c) a comparabilidade entre as entrevistas (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 105).*

Na busca de comparabilidade entre as diferentes configurações de entrevistas, as autoras sugerem a formulação de uma ferramenta metodológica aplicável a cada indivíduo e replicada em vários tipos de entrevista, ao invés da insistência em análises que pressupõem que as entrevistas sejam todas mais ou menos equivalentes entre si.

Nas entrevistas da amostra Brescancini-Valle, a rigidez metodológica é flexibilizada em busca de uma conversação mais espontânea o quanto possível. Não havia um roteiro fixo a seguir, o objetivo era fazer perguntas basicamente vinculadas à identidade local, à história da comunidade e à relação dos moradores com o turis-

6 “To treat all interviews as equivalent speech events is to ignore the complexity of the situation”.

mo, de modo a propiciar o máximo possível de uso do vernáculo. A principal diferença entre essas entrevistas e aquelas nos moldes labovianos está em como o momento da fala é entendido pelos interlocutores. As entrevistas do pesquisador americano preveem um entrevistador ativo na sua realização, que dirige a situação comunicativa; já as entrevistas da amostra analisada ora se configuram como uma atividade bem estabelecida, em que o entrevistador é aquele que governa a situação, e ora se aproximam muito mais de uma conversa ou de um monólogo do entrevistado, o qual passa a comandar a situação. Alguns informantes encararam a gravação com tanta naturalidade, que “o momento da entrevista foi interpretado por alguns como uma conversa ou como uma espécie de terapia” (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 102). O Quadro 1 resume as diferenças encontradas entre as entrevistas da amostra.

**Quadro 1** – Diferenças na configuração das entrevistas da amostra Brescancini-Valle

<b>Características da entrevista governada/conduzida pelo entrevistador:</b>	<b>Características da entrevista governada/conduzida pelo entrevistado:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O entrevistador está mais preso a um “roteiro preestabelecido” e – apesar dos momentos em que o entrevistado insere tópicos de interesse próprio – tenta garantir a aplicação de partes essenciais do roteiro.</li> <li>• Existe maior dificuldade para alcançar o vernáculo.</li> <li>• O critério de comparabilidade entre as entrevistas é fortemente garantido.</li> <li>• Há um estilo mais monitorado no início da entrevista que caminha para um estilo menos monitorado ao longo da gravação (dependendo do módulo selecionado pelo entrevistador).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O entrevistado praticamente guia a entrevista e o entrevistador faz o papel de ouvinte atento.</li> <li>• Existe maior facilidade para alcançar o vernáculo.</li> <li>• O critério de comparabilidade entre as entrevistas é fracamente garantido.</li> <li>• O estilo inicial pode já ser muito próximo do estilo não monitorado/casual, variando ao longo da entrevista em função dos temas e sequências textuais ativados pelo entrevistado.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Valle e Görski (2014, p. 103-104).

Alguns entrevistados desviavam-se das perguntas propostas para tratar de assuntos de seu interesse, e isso fica muito evidente em algumas entrevistas nas quais há uma verdadeira entrega ao assunto, através da mudança do tom da fala, de momentos de choro, raiva, mesclados com outros momentos de extrema alegria e gargalhadas. Alguns informantes falam de assuntos de foro muito íntimo, revelando preferências sexuais, experiências com o uso de drogas e segredos de infância, outros falam ainda sobre revelações religiosas e graves doenças.

Vários fatores atuam para que as entrevistas ora se apresentem mais governadas/comandadas pelo entrevistador, ora mais governadas/comandadas pelo entrevistado: a postura do entrevistador (mais ativo ou passivo), o perfil do en-

trevistado (mais falante ou mais tímido) e o que se entende por entrevista (mais como uma conversa ou mais como um momento para responder apenas ao que o entrevistador perguntar).

## **A CONFIGURAÇÃO DAS ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS E O USO DE MARCADORES DISCURSIVOS**

A análise descrita no presente artigo parte da sugestão de Valle e Görski (2014), apresentada na segunda seção, e considera as variáveis complexas como uma espécie de matriz de traços. A ideia é que, a partir da pontuação dos fatores das variáveis independentes selecionadas para compor a variável complexa, seja possível depreender um somatório que é atribuído a cada entrevista. Na rodada estatística, o que se tem é um resultado escalar (composto a partir de variáveis isoladas) que pode nos ajudar a entender certos comportamentos de forma mais robusta<sup>7</sup>.

Seguindo as propostas mais recentes sobre o controle da variação estilística, foi construída e testada a variável complexa *configuração da entrevista*, composta por três grupos de fatores (ou variáveis independentes): *proatividade do falante*, *relação de proximidade entre os interlocutores* e *envolvimento emocional do falante*.

### ***Proatividade do falante***

A variável extralingüística *proatividade do falante* foi pensada a partir da categoria *tangente*, proposta por Labov (2001), que é definida como momento de fala casual em que o entrevistado afasta-se deliberadamente do tópico introduzido pelo entrevistador para tratar de tópico de seu interesse.

Nas entrevistas da amostra investigada, apesar de existir um fio condutor que guia as perguntas para a situação do bairro (as diferenças entre o “ontem” e o “hoje”) e sobre questões relacionadas à identidade, as entrevistadoras (cf. seção seguinte) mostram-se mais interessadas em deixar os informantes à vontade para falar. Essa postura possibilita que falantes mais proativos saiam do *script* mais ou menos previsto, lançando tangentes com tópicos de seu interesse pessoal.

Em algumas entrevistas, os momentos de tangente são raros ou não existem, já em outras os momentos de tangente são muito frequentes, chegando a casos em que não parece ser mais a entrevistadora e sim o entrevistado que conduz/governa o evento de fala. A entrevista ganha tom bastante casual e parece se aproximar de uma conversa entre amigos, em que o informante interage mais com o entrevistador, solicita sua confirmação sobre o que está expondo/narrando/argumentando, faz perguntas sobre a vida do interlocutor e, ele mesmo, organiza a situação comunicativa.

Nesses casos, considera-se que o informante é muito proativo, ou seja, *vai além do script* da entrevista. Por outro lado, considera-se que o falante *segue o script* quando: 1. apesar de ser colaborativo, deixa-se guiar e não propõe tópicos que desviem dos gatilhos da entrevistadora; 2. se restringe a responder às perguntas da entrevistadora e/ou se mostra desinteressado durante a entrevista.

7 Para as análises estatísticas foi utilizado o modelo de análise multivariacional GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).



Ilustra-se este último caso através do trecho abaixo:

1. E: E tu acha, tu não vê [diferença, assim...]  
 F: [Nada], não pra mim é indiferente. Eu já fui até na igreja com eles.  
 E: Já foi?  
 F: Já... porque eu gosto, *entendeu?* Eu gosto de ir pra conhecer, então não tem-  
 E: Tu gosta.  
 F: Gosto (BARRA23FA10).

Acreditava-se que, em geral, os MDs analisados seriam mais frequentes quando o informante *vai além do script*, sugerindo tópicos de seu interesse e transformando a situação artificial da entrevista em momento de interação efetiva. Esperava-se também que **entendeu?**, mais voltado ao plano interacional, seria favorecido nos casos em que a entrevista *vai além do script*, sendo usado como elemento de contato e interação efetiva pelo entrevistado que governa a entrevista.

### **Relação de proximidade entre os interlocutores**

Macauley (2002b) assinala que pode haver diferenças estilísticas no uso de *you know* e que, para itens dessa natureza, é mais importante procurar medir a relação entre os interlocutores do que controlar macrocategorias sociais. Seus resultados apontam que *you know* é mais frequente em conversas entre conhecidos e entre pessoas do mesmo sexo.

Aqui se considera que mesmo na situação de entrevista, em que a relação se estabelece entre entrevistador e entrevistado, é possível haver maior ou menor proximidade a depender de vários critérios que podem ser elencados.

Dois pesquisadoras realizaram as entrevistas da Amostra Brescancini-Valle na Barra da Lagoa: uma delas, nativa e moradora da comunidade (uma das autoras deste artigo) e outra, paulista e residente em Porto Alegre. Embora a tarefa de realização da entrevista não tenha sido dividida igualmente entre elas, já que a pesquisadora da comunidade realizou apenas dez das entrevistas, acredita-se que o pertencimento à comunidade possa consistir em maior grau de proximidade entre os interlocutores. O trecho abaixo, em que a entrevistada chama a entrevistadora (sua amiga) pelo nome, ilustra nossas considerações:

2. (Sobre os períodos em que o pai ficava longe de casa pescando)  
 F: Exatamente... mas não... eu não vivia muito isso, Carla, (est) assim não eu::... eu lembro das saídas da (hes) das chegadas, assim que preparava a casa, pintava (est) pintava os troncos das árvores (est) pintavam tudo (sabe?) pra chegar o pai... mas::... num... (mudança de faixa) de- de não lem- eu não lembro de ficar com- um tempo (est) tão grande sem ele, né? (BARRA09FJS).

Além disso, é possível pensar que interlocutores de mesmo sexo, mesma geração, e com graus de escolaridade próximos possam estabelecer vínculo maior durante a realização das entrevistas.

Assim, partindo das considerações de Macaulay (2002b) e da configuração da amostra, Valle (2014) delineou um instrumental para operacionalizar a variável *proximidade entre os interlocutores*, baseado em quatro critérios: *simetria de sexo*, *simetria de idade*, *simetria de escolaridade* e *pertencimento à comunidade*. Em relação a cada um dos critérios, foi atribuída pontuação 0,5 para relações que indicam maior proximidade e zero para relações que indicam menor proximidade, sendo que a variável foi estruturada a partir do somatório dos valores atribuídos, conforme o Quadro 2.

**Quadro 2** – Pontuação dos critérios que compõem a variável *relação de proximidade entre os interlocutores*

<p style="text-align: center;"><b>Simetria de idade</b></p> <p><b>0,5</b> – Entrevistado(a) e entrevistadora com idades próximas ou entrevistado(a) mais novo(a) do que a entrevistadora  <b>0</b> – Entrevistado(a) mais velho(a) do que a entrevistadora</p>	<p style="text-align: center;"><b>Simetria de escolaridade</b></p> <p><b>0,5</b> – Entrevistado(a) e entrevistadora com escolaridade próxima (ensino médio e ensino superior)  <b>0</b> – Entrevistado(a) menos escolarizado do que o entrevistador (até o ensino fundamental)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Simetria de sexo</b></p> <p><b>0,5</b> – entrevistadora e entrevistada  <b>0</b> – entrevistadora e entrevistado</p>	<p style="text-align: center;"><b>Pertencimento à comunidade</b></p> <p><b>0,5</b> – Entrevistadora da comunidade  <b>0</b> – Entrevistadora de fora da comunidade</p>

Fonte: Valle (2014, p. 312).

O somatório da pontuação resulta em valores entre zero e dois, que foram convertidos em três fatores para essa variável: *proximidade maior* (entre 1,5 e 2); *proximidade intermediária* (1); e *distanciamento* (entre zero e 0,5).

A hipótese era que o uso dos RADs seria mais frequente quando houvesse *proximidade maior* entre os interlocutores e que o uso de **entendeu?**, que se julga atuar mais no plano interacional, seria privilegiado em entrevistas que envolvessem *proximidade maior*.

### **Envolvimento emocional do falante**

Percebeu-se que alguns indivíduos mostravam-se muito envolvidos emocionalmente com a situação, parecendo entender a entrevista como momento de desabafo ou como momento de descontração. Alguns se mostraram muito sensíveis, alterados ou revoltados e expressavam esses sentimentos através de batidas na mesa, usando palavrões ou termos chulos e chorando. Nesses casos, os temas tratados são bastante pessoais, envolvendo narrativas sobre doenças, episódios sobre experiências espirituais e revelações sobre temas muito íntimos, como preferências sexuais. Esses falantes foram considerados *emocionalmente envolvidos/empolgados*, enquanto os falantes menos expansivos foram considerados como *neutros*. O trecho a seguir foi retirado de uma entrevista em que se considera que a falante estava emocionalmente envolvida:

3. F: Aha... mui/ por isso que eu digo assim ó “ Ho::je a pessoa que não tem fé::” ... e tá acontecendo coisas maravilhosas dentro da minha ca::sa pela fé... tás entendendo? ((A informante está muito emocionada e começa a falar com a voz embargada, chorando, enquanto também dá batidas na mesa)) pela fé... porque a fé é fundamental de tudo... tás entendendo?... tá acontecendo- já aconteceu... muita coisa ruim na minha vida... tá? foi bomba em cima de bomba... tá?... tenho dois filho assim maravilhosos... mas assim o que eu descobri:: ficou chocan- chocante pra mim, tás entendendo?... que eu achava assim que aquilo- que eu não tava preparada pra saber daquilo... mas... tô aqui... rezo bastante... eu- eu- eu jamais eu peço assim- eu vou pra minha cama eu peço pra Deus pra mim nunca esquecer ele... né? porque às vezes as pessoas tão boa esquecem de Deus (BARRA20FA8).

Por trás desse tipo de controle está a ideia de que a observação de pistas do canal, como suspiros, risadas, choro etc., pode auxiliar para estabelecer distinção entre estilo de fala casual e monitorada (Cf. LABOV, 2008 [1972]). Imaginava-se que falantes *emocionalmente envolvidos/empolgados*, com fala menos monitorada, fizessem mais uso de elementos de interação com seu interlocutor e, por esse mesmo motivo, acreditava-se que **entendeu?** fosse privilegiado nessa situação.

### **Resultados e discussão da influência dos grupos de fatores isolados**

As expectativas iniciais para o uso dos MDs de base interacional (tomados em conjunto) se confirmam parcialmente. Em relação à variável *proatividade do falante*, os MDs são mais frequentes entre informantes que vão *além do script* (915 das 1.610 ocorrências encontradas na amostra estão associadas a esse fator). Tal constatação não só nos dá informações sobre o uso desses itens, que de modo geral ocorrem mais em momentos de maior interação e casualidade entre os interlocutores, como também consiste em instrumental estilístico promissor a ser testado em trabalhos futuros.

Com relação à variável *relação de proximidade*, a hipótese se confirma, pois são os informantes de *proximidade intermediária* e de *proximidade maior* que, juntos, mais fazem uso dos MDs analisados (1.197 das 1.610 ocorrências). Cabe ainda assinalar que o grupo de fatores *envolvimento emocional do falante* não mostrou resultado relevante para a descrição do uso dos MDs, já que o número de ocorrências desses itens entre informantes *envolvidos/empolgados* e *neutros* não apresenta muita diferença, como se observa na Tabela 1.

**Tabela 1** – Influência das variáveis *proatividade do falante*, *relação de proximidade entre os interlocutores* e *envolvimento emocional do falante* sobre o uso de **entendeu?** versus **sabe?**

<b>Proatividade do falante</b> 3° selecionado	Ap/T	%	PR
Vai além do <i>script</i>	687/915	75	<b>0,65</b>
Segue o <i>script</i>	256/695	37	0,30
<b>Relação de proximidade</b> 5° selecionado			
Proximidade intermediária	606/929	65	<b>0,58</b>
Distanciamento	263/413	64	0,47
Proximidade maior	74/268	28	0,26
<b>Envolvimento emocional do falante</b> Não selecionado			
Emocionalmente envolvido/ empolgado	531/729	73	<b>(0,64)</b>
Neutro	412/881	41	(0,37)
<b>TOTAL</b>	943/1.610	59	
Input: .61            Sig.: .034			

Fonte: Valle (2014, p. 315).

Examinemos agora a atuação das três variáveis sobre o uso de **entendeu?** versus **sabe?**. Os resultados relacionados ao condicionamento de uso de **entendeu?** (tomado como aplicação da regra variável) confluem em direção às hipóteses específicas e refletem, em certa medida, as considerações já feitas para os MDs em geral, pois essa variante é favorecida em entrevistas em que o informante vai *além do script* (0,65) e quando a proximidade entre os interlocutores é *intermediária* (0,58). Ressalta-se ainda que a utilização de **entendeu?** foi mais frequente em situação em que houve maior envolvimento emocional do falante (531 ocorrências, que representam 73% dos casos em situação de envolvimento).

As três variáveis mostraram-se relevantes para a descrição do uso dos MDs, parecendo indicar que **entendeu?** está mais voltado do que **sabe?** ao plano interacional, mantendo ainda funções associadas à categoria verbal de origem.

### **Variável complexa configuração da entrevista**

Essa variável complexa foi pensada como instrumental capaz de congregar as três variáveis anteriormente descritas. Parte-se da suposição de que entrevistas em que os interlocutores são mais próximos, em que o falante vai além do *script* e mostra-se envolvido/emocionado configuram-se como *mais próximas de conversa*. No outro polo estariam as *entrevistas nos moldes tradicionais*.

A fim de implementar a variável, foi necessário atribuir pontuação para os fatores dos grupos *proatividade do falante* e *envolvimento emocional do falante*, já que o grupo *relação de proximidade entre os interlocutores* já apresentava resultado numérico resultante do somatório dos quatro critérios de proximidade considerados naquele grupo. A operacionalização da variável complexa é sintetizada no Quadro 3.

**Quadro 3** – Pontuação dos critérios que compõem a variável complexa *configuração da entrevista*

<p><b>Proatividade do falante</b> 2 – Vai além do <i>script</i> 1 – Segue o <i>script</i></p>
<p><b>Envolvimento emocional do falante</b> 2 – Emocionalmente envolvido/empolgado 1 – Neutro</p>
<p><b>Relação de proximidade entre os interlocutores</b> Valor entre zero e dois, resultante do somatório dos quatro critérios apresentados no Quadro 2.</p>

Fonte: Adaptado de Valle (2014, p. 316).

O somatório geral dos pontos resulta em uma pontuação gradiente (de dois a cinco)<sup>8</sup> que informa se a entrevista está mais para conversa ou mais para os moldes tradicionais.

A expectativa geral era que quanto mais a entrevista se aproximasse de conversa, com maior envolvimento e menor grau de monitoramento, mais haveria o uso dos MDs. Nesse mesmo sentido, era esperado que **entendeu?** fosse privilegiado quanto mais a entrevista se aproximasse de conversa.

A partir das primeiras rodadas, procurou-se resolver os nocautes e foram amalgamados os valores de 4 a 5 na escala e os valores de 2 a 3,5, o que resultou em dois fatores para a variável, *entrevista mais próxima de conversa* e *entrevista nos moldes tradicionais*, como se vê na Tabela 2.

**Tabela 2** – Influência da *variável complexa: configuração da entrevista* sobre o uso de **entendeu?** versus **sabe?**

<b>Variável complexa: configuração da entrevista</b> 3° selecionado	Ap/T	%	PR
Entrevista mais próxima de conversa	665/915	73	<b>0,66</b>
Entrevista nos moldes tradicionais	278/695	40	0,29
<b>TOTAL</b>	943/1.610	59	
	<b>Input: .60</b>		<b>Sig.: .030</b>

Fonte: Valle (2014, p. 317)

<sup>8</sup> Nenhum informante alcançou pontuação mínima (um) e máxima (seis).

Os resultados ratificam a hipótese de que os MDs são mais frequentes em *entrevistas próximas de conversa* (915 ocorrências) e nossa expectativa com relação a **entendeu?**, já que a variante é bastante favorecida em *entrevistas próximas de conversa* (0,66).

Interessante notar que os resultados para a variável independente isolada *proatividade do falante* e para a variável complexa foram muito semelhantes, o que indica o peso maior dessa variável isolada na composição da complexa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises ressaltam a robustez das variáveis complexas que reúnem variáveis independentes isoladas que partem de uma hipótese comum. Apesar de se tratar de mecanismo simples, a ideia por trás da implementação de variáveis complexas está relacionada à aplicação de procedimento de análise multidimensional envolvendo aspectos estilísticos, na medida em que capta a relação com a audiência (*relação de proximidade entre interlocutores*) – sugerida como relevante por Bell (1984) na abordagem *Audience Design* – e aspectos voltados ao grau de automonitoramento da fala (*proatividade do falante e envolvimento emocional do falante*) – que têm sido tratados por Labov (2001, 2008 [1972]) em termos de grau de atenção à fala na abordagem *Attention to Speech*.

Vale novamente salientar que o mecanismo projetado é aplicado à entrevista como um todo e não mede as diferenças estilísticas existentes na realização de cada ocorrência dentro da entrevista. Trabalhos dessa natureza trazem contribuições para a construção de um instrumental metodológico para lidar, de forma quantitativa, com fenômenos de natureza discursiva, considerando aspectos estilísticos, mas as pesquisas sobre variação estilística no âmbito da sociolinguística ainda têm um longo caminho a percorrer.

## THE CONSTRUCTION OF A COMPLEX STYLISTIC VARIABLE TO MEASURE THE SOCIOLINGUISTIC INTERVIEW SETTING

**Abstract:** The processes of change and the variable use of discourse markers derived from cognitive verbs were investigated, combining the North-American functionalist approach with the Theory of Variation and Change. A complex variable was proposed and tested to measure the setting of the sociolinguistic interview in order to contribute to the most recent studies on stylistic variation. Speech samples from Florianópolis, Santa Catarina state, Brazil, were examined and the results indicated that the discourse markers are more frequent in interviews which are more similar to conversations.

**Keywords:** Stylistic variation. Discourse markers. Complex variables.

## REFERÊNCIAS

BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, v. 13, n. 2, p. 145-204, June 1984.

- COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, June 2012.
- GILES, H. Accent mobility: a model and some data. *Anthropological Linguistics*, Bloomington, v. 15, p. 87-105, 1973.
- GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. (Coleção Linguística, 3). p. 67-92.
- LABOV, W. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Ed.). *Language in use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 28-53.
- LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LEFEBVRE, C. As noções de estilo. In: BAGNO, M. (Org.). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001 [1983]. p. 203-236.
- MACAULAY, R. Discourse variation. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2002a. p. 283-305.
- MACAULAY, R. You know, it depends. *Journal of Pragmatics*, v. 34, n. 6, p. 749-767, June 2002b.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning and context. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Ed.). *The handbook of discourse analysis*. Malden, MA: Blackwell, 2001. p. 54-75.
- SCHILLING-ESTES, N. Investigating stylistic variation. In: SCHILLING-ESTES, N.; CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. p. 375-401.
- SCHILLING-ESTES, N. Stylistic variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN

ESPAÑOLA DE LINGÜÍSTICA APLICADA –AESLA, 25., 2007, Murcia. *Actas...* Murcia, 2007. Disponível em: <<http://www.um.es/lacell/aesla/contenido/pdf/9/schilling.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. (Coleção Linguística, 3). p. 93-121.

VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ZHANG, Q. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new Professional identity. *Language in Society*, v. 34, p. 431-466, 2005.

ZHANG, Q. Rhotacization and the “Beijing Smooth Operator”: the social meaning of a linguistic variable. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, p. 201-222, 2008.

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em julho de 2016.